

ALMADA



A CRESCERMOS JUNTOS,
COMO CIDADE, DESDE 1973.

50 anos



Entrevista D. Américo Aguiar “JMJ é irrepetível”
Inês de Medeiros “Margueira é motor do Arco Ribeirinho Sul”

50 ANOS E NOVAS AMBIÇÕES

CARAS E CAROS ALMADENSES, celebramos por estes dias os 50 anos da elevação de Almada a cidade. Metade de um século não passa de um suspiro no percurso de um território com milhares de anos de história, mas o tanto que a nossa cidade mudou nas últimas décadas faz deste aniversário um momento especial.

Nos últimos 50 anos a nossa cidade evoluiu de um tecido socioeconómico fortemente industrializado para uma época de aposta nos serviços e no turismo, ambicionando mais recentemente a consolidação de um ecossistema de inovação, em boa parte assente na Academia.

Com gerações cada vez mais qualificadas e uma crescente capacidade de atração de jovens empreendedores e de nómadas digitais de latitudes distantes, a face da nossa cidade e do nosso concelho está de novo a mudar, rumo a um futuro de progresso e desenvolvimento.

Mais do que nos perdermos em momentos de saudade, saudosismo ou simples memória, este tempo de celebração e de aniversário deve levar-nos a olhar em frente, a pensar e repensar o futuro, reinventando objetivos e ambições para todos os que nasceram, cresceram ou que nos escolheram para estudar, trabalhar e criar as suas famílias.

São as pessoas que, geração após geração, ajudam a definir a identidade de uma cidade. Acredito firmemente que, em Almada, podemos e devemos estar felizes e agradecidos com os resultados dessa construção coletiva.

É um “trabalho” inacabado por definição, mas que resultou numa cidade que é hoje um exemplo em matérias decisivas como a integração, a inclusão ou a tolerância. Talvez alguns desvalorizem esse facto, dando mais importância a métricas puramente económicas ou financeiras, mas nós sabemos bem que em primeiro lugar devem estar os valores basilares de uma comunidade progressista, multicultural, que acolha a diferença e que fomenta laços de solidariedade para com o outro.

A todas e todos os Almadenses, dedicamos o pleno da nossa energia. Garantir um futuro saudável e sem sobressaltos, sobretudo às próximas gerações, vai exigir alterações profundas na forma como usamos recursos como a energia ou a água, ou como nos relacionamos com o espaço público.



INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Para lá desse esforço, que terá necessariamente de ser coletivo, assumimos enquanto executivo o compromisso de preparar Almada para que a nossa comunidade garanta esse futuro. Para isso vamos ter de alterar a face de algumas das nossas ruas ou praças, apostando no regresso do verde, de árvores, arbustos e pequenos jardins. Só assim poderemos tentar controlar a temperatura e contrariar alguns dos efeitos das alterações climáticas.

Estamos ainda dedicados a recuperar a relação da cidade com o Tejo. Muita da nossa faixa ribeirinha carrega ainda as marcas de um passado de industrialização pesada. Marcas que poderão ser alvo de preservação, nalguns casos, mas que não podem mais servir como desculpa para deixar tudo na mesma.

Almada deve assumir, sem hesitações, a sua centralidade no projeto do Arco Ribeirinho Sul. Tal como renovámos e requalificámos Cacilhas, vamos agora passar a uma fase decisiva, porque estratégica, da reinvenção da nossa relação com o rio. Almada não pode mais esconder-se atrás de arribas ou estaleiros e fábricas ao abandono.

É urgente que esses territórios sejam devolvidos às pessoas, à comunidade e este momento, de celebração dos 50 anos da elevação de Almada a cidade, é o ideal para renovar convosco o compromisso de manter e lutar por esta Almada viva, solidária, criativa e pelas suas gentes, diversas e generosas na construção de um futuro e que assim honram o seu passado de construção de liberdade.

“Almada é a prova de que os municípios são as melhores entidades para gerir o território. Quando há outras entidades públicas a gerir, vê-se o resultado.”

Almada em Mim
Inês de Medeiros _____ 36

LUÍS FILIPE CATARINO

Desfile comemorativo dos 50 anos de cidade ao longo da Av. Dom Nuno Álvares Pereira



Em Arquivo

Almada: A vila que se tornou cidade há 50 anos _____ 04

Almada 50 anos _____ 06

Portfolio

50 anos em desfile _____ 16

Radar

Gelados Monte Neve _____ 24

Jornada Mundial da Juventude _____ 26

Sumol Summer Fest _____ 34

Acontece _____ 42

FICHA TÉCNICA

Edição:
Câmara Municipal de Almada
| Departamento
de Comunicação

Diretora:

Inês de Medeiros

Diretora-Adjunta:

Raquel Antunes

Coordenação:

Sara Dias

Consultor Editorial:

Paulo Tavares

Editor de Fotografia:

Luis Filipe Catarino

Redação: Ana Paula Cruz,

Joana Mendes, Margarida

Leal, Paulo Teixeira e Sandra

Gomes

Fotografia:

Anabela Luis, Carlos Valadas,

Raquel França e Victor Mendes

Design:

Pedro Fernandes

Impressão:

Lidergraf - Artes Gráficas, SA

Distribuição:

CTT Contacto

Tiragem: 120 000 exemplares

Periodicidade: Bimestral

ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b).
Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Contactos úteis:

Geral

Tel.: 212724000

Gabinete de Atendimento Municipal

Linha Verde Almada Informa

- 800 206 770

E-mail:

almadainforma@

cm-almada.pt

Distribuição Almada

Revista:

distribuição.revista@

cm-almada.pt

Site:

cm-almada.pt

f @ /cmalmada

Almada 50 anos de cidade



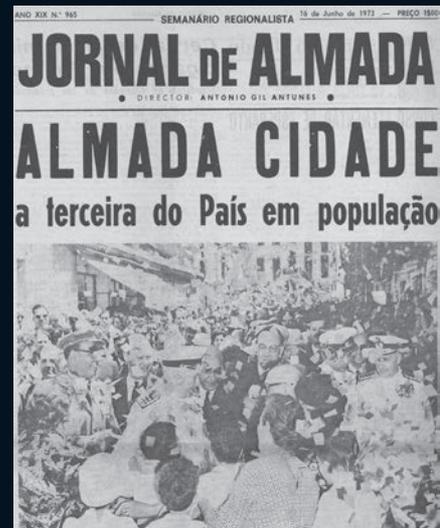
Esta imagem condensa cores e formas da história recente da nossa paisagem urbana e celebra uma vila que se fez cidade há 50 anos, a 21 de junho de 1973. As arribas e vales que namoram um Tejo que corre já tranquilo para o Atlântico são há muito porto de abrigo e lugar de chegada. Há milhares de anos que Almada é local de comércio e de desenvolvimento humano. Celebramos edifícios e estruturas que marcam a paisagem de Almada, como a Ponte 25 de Abril, o pórtico da Lisnave, o antigo edifício da EDP, ou pontos de encontro, de cultura e de tertúlia como o restaurante Canecão, a Incrível Almadense ou o mais recente Teatro Azul.

Almada: A vila que se tornou cidade há 50 anos



TERRITÓRIO DE MUITOS e com uma vasta e secular história, Almada celebra em junho 50 anos da elevação a cidade. Quase dez anos depois da última visita do Presidente da República Américo Tomás à vila de Almada, a 21 de junho de 1973, cumpria-se a promessa. Este acontecimento histórico é testemunhado por uma grande multidão junto aos Paços do Concelho. Há 50 anos, Almada era a terceira cidade mais populosa do país. O grande crescimento demográfico, registado desde meados do século XX, fez duplicar a população e refletiu-se no desenvolvimento urbanístico. Também a inauguração da Ponte sobre o Tejo, em 1966, e o polo industrial aqui existente contribuíram para este crescimento. Nesta edição partilhamos algumas memórias fotográficas da década em que a vila se tornou cidade.

2





3



4



5

1 - Vista panorâmica com destaque para a Avenida Cristo Rei, o depósito de água do Pragal com a terceira fase em construção, e o Seminário de São Paulo. Ao fundo, o pórtico da Lisnave e vista sobre o rio Tejo, 1978

5 - População a comemorar a elevação de Almada a Cidade, 21 de junho de 1973

6 - Vista aérea do estaleiro da Lisnave na Margueira e panorâmica sobre Cacilhas, Almada, Cova da Piedade e Pragal, dezembro de 1973

2 - Capa do "Jornal de Almada", publicado a 16 de junho de 1973

3 - Demolição da última barraca no Morro de Cacilhas com a participação de um grupo de personalidades neste ato simbólico. Ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, dezembro de 1972

4 - Vista da Praça Gil Vicente com a Fonte Luminosa, da Avenida Afonso Henriques e da Rua Bernardo Francisco da Costa, década de 1970



6

DA MESMA (C)IDADE

Ana Catarina Mendes, Susana Gaspar, Tiago Rocha, Susana Silveira, Ricardo Borges, Simone Costa e Lúcio Correia nasceram em 1973, no ano em que Almada foi elevada a cidade. Apesar das diferentes origens e percursos, as suas vidas surgem unidas por um território que os soube fazer felizes. Celebram 50 anos, tal como a cidade que os viu crescer e partilham nestas páginas memórias e sonhos para o futuro de uma terra que nenhum deixa cair.

TEXTOS DE **Margarida Leal**

“CRESCER EM ALMADA ENRIQUECEU-ME”

ANA CATARINA MENDES chegou à cidade aos 14 anos, em plena adolescência. Guarda “memórias únicas de um tempo de descoberta, de sonhos e de partilha”. Apesar de ter mudado para Lisboa aos 30 anos, não há semana em que não atravesse o rio. «A minha mãe mora ainda na casa que nos viu crescer e continuamos a passear por essas ruas que são nossas.»

Foram tempos de “cumplicidade com os amigos”. Da Escola Secundária Anselmo de Andrade guarda “os muitos que ainda permanecem e me acompanham, e os tantos outros cuja memória mantém vivos em mim. Com todos aprendi e cresci, com o Bruno Tirapicos o gosto pelo skate, com o Rómulo de Deus o gosto pela discussão política, com o Nuno (Pulgas) o estímulo pela discussão e descoberta da filosofia. Infelizmente morreram muito cedo!... Crescer em Almada enriqueceu-me e fez de mim, também, o que sou”.

“Foram em Almada os primeiros contactos com o teatro amador e mais tarde com o Festival Internacional de Teatro”, recorda Ana Catarina Mendes, que fala com carinho das “tertúlias na Cerca da Noite com o Jorge e a Inês ou no Ponto Final, com a Joana e a Luísa. Foram em Almada os primeiros contactos com bandas rock que emergiam no final da década de 80; com a dureza da vida de quem trabalhava na Lisnave e o seu fim tão difícil para tantas famílias”.

Lições da vida e dos livros. “Boris Vian chegaria pelas mãos e pelos olhos do Luís Silvestre (Jerry) no café em frente à escola - os dias começavam na alegria de descobrir mais um livro.” E a noite, o encanto da noite. “Almada Velha recebia-nos nas noites em que deambulávamos pela Tasca do Cão e pelo Miradouro, entre gargalhadas e copos descobríamos o mundo e sonhávamos com o nosso futuro. As guitarras tocavam, naquele miradouro, e as vozes, mais ou menos afinadas, entoavam letras originais ou de outros, todas cantadas a plenos pulmões de uma juventude que queria fazer-se ouvir”.

Ainda da Anselmo de Andrade guarda a memória dos professores e de duras batalhas. “Lutámos contra a Prova Geral de Acesso e organizámos (o Luís Milhano e eu) a greve na escola e a manifestação. O professor de Antropologia apoiou-nos porque acreditou na justiça da nossa luta. A Anselmo de Andrade tinha professores de exceção, levaram-nos para fora dos muros da escola para que pudéssemos entender o mundo. Frei Luís de Sousa foi apresentado na Casa da Cerca, onde Madalena espera por D. João de Portugal olhando o Tejo. A talha dourada do Brasil foi estudada na visita ao Convento de Mafra. Uma Família Inglesa deu uma viagem ao Porto. E os escritores da Geração de 70 foram estudados no Chiado, a percorrer espaços que foram seus e que nos divertiam no encontro com a literatura.”



**Ana Catarina Mendes,
nos claustros do
mosteiro beneditino
que é hoje o Palácio
de São Bento, a casa
da democracia.**

LUÍS FILIPE CATARINO

Viagens que acabavam sempre num cacilheiro de regresso a casa, com um desvio obrigatório até ao Ponto Final. “Não era o restaurante de hoje: era uma pequena tasca onde o Senhor (cujo nome já não recordo) nos cozinhava bacalhau com todos, que fazia as delícias de jovens adolescentes. A Teresa, a Marina, a Sofia, os Pedros, o Rui e o Quim lembram-se dessa iguaria para celebrar os 18 anos da Marina, nesse longínquo 20 de Novembro de 1990, que acabou com o Pedro a tocar guitarra enquanto todos, a olhar para a ponte 25 de abril, a rir, cantávamos “If you’re going to San Francisco...”

E era também de cacilheiro que todos os dias atravessavam o rio para ir até à faculdade. “Nesses percursos, firmámos cumplicidades e construímos uma amizade que alimentamos nos dias de hoje. Cada um seguiu a sua vida profissional, mas todos mantemos a ligação de uma franca amizade, por reconhecermos que temos as raízes de quem somos entrelaçadas desde a adolescência. Histórias que a Susana, o Ricardo, a Fátima, o Bruno, o Jorge e eu recordamos com frequência e nos fazem sorrir e saber o privilégio de nos termos cruzado nos tenros 14 anos. São 35 anos de amizade!” A conversa leva Ana Catarina Mendes de regres-

so à noite. “Recordo com muita saudade o bar Cerca da Noite, das noites infindáveis à conversa com a Inês e o Jorge, os donos, que nos contavam histórias de outros tempos e nos incutiam o gosto pelo debate e pela militância ativa. A primeira vez que me candidatei a um cargo na juventude socialista foi o Jorge quem me ajudou a escolher o título da moção que apresentei. Promoviam tertúlias, literárias ou musicais, onde se cruzavam várias gerações e onde todos aprendíamos. Eram particularmente saborosas as tertúlias na altura do Festival Internacional de Teatro, altura em que os atores e encenadores povoavam este espaço, partilhando connosco, os textos e o gosto pelo teatro.”

Sobre o futuro, Ana Catarina Mendes sonha com uma cidade ainda mais aberta ao mundo e ao rio, “com os terrenos da Lisnave como porta de entrada à cidade. Imagino Almada com bons serviços, com boa cultura – é só continuar com o ótimo trabalho! -, com gente que participa e que cuida da comunidade, com gente que sabe que a diferença é riqueza, e não obstáculo. Imagino Almada como uma cidade que acolhe o mundo – como me acolheu a mim, aos 14 anos”.

OS PÁSSAROS DO SUL

No Jardim Alberto Araújo, junto ao Tribunal do Trabalho, a juíza **SUSANA SILVEIRA** recorda as suas melhores memórias de Almada. Traz o calor das «fogueiras de São João que se faziam em junho» e a ousadia dos mais jovens a dar saltos por cima do lume crepitante.

Era a partir das cavalitas do pai que avistava as celebrações do 25 de Abril. «A praça cheia, a distribuição dos cravos, a banda a tocar, rios de gente. Aquilo era uma festa.» Tinha dois anos quando o Monumento aos Perseguidos, de Ângelo Teixeira, foi instalado no centro da praça, a 24 de junho. «Se há cidade que sempre honrou a revolução foi seguramente Almada.»

Também não se esquece de «ir à varanda e ver o desfile de trabalhadores da Lisnave». Chegaram a laborar 10 mil pessoas naquele estaleiro, que em 1989, ocupava o 1.º lugar no ranking mundial de reparação naval. Em 2000 fecha portas na Margueira. «Foi duro.»

Cresceu numa transversal à Rua da Liberdade, estudou no Externato Frei Luís de Sousa, depois na EB António da Costa e na Secundária Anselmo de Andrade, onde se juntou a um grupo de colegas, com quem seguiu para a Faculdade.

«Chamavam-nos os pássaros do sul», por causa da música de Mafalda Veiga. Por cá o bando posava «em Almada Velha, no Palácio da Cerca e no miradouro do Castelo. Esta zona é maravilhosa e não é pela vista para Lisboa». O «especial carinho» que ainda tem por estes lugares relaciona-se com «o tempo que lá passámos juntos, como amigos».

Acabou a Faculdade em 1996, entrou na Magistratura em 1998 e a partir daí correu o país. «Estive em Trás-os-Montes, Alentejo, Algarve.» Ao fim de duas décadas, conseguiu ser colocada em Almada.

Acredita que a «desvalorização social é um obstáculo para que as pessoas se consigam estabelecer no centro de Almada». A questão não é só política, acredita, defendendo que era importante que os empresários «cativassem os jovens, pagando-lhes salários adequados».

Esta «almadense de gema», orgulha-se em saber que já há pessoas que vêm ao teatro a este lado e pega na regeneração da Romeira como um bom exemplo. «Almada tem todas as condições para e tornar numa cidade ainda melhor.»

«Almada tem todas as condições para e tornar numa cidade ainda melhor.»



LUÍS FILIPE CATARINO



Susana
Silveira
no Jardim
Alberto
Araújo

CONSTRUIR O PRÓPRIO TERRITÓRIO

«Isto ainda estava abandonado e eu já aqui vinha com os meus amigos. Saltávamos o muro e vínhamos explorar», conta **TIAGO ROCHA**. Tinha 15 anos e já sabia que queria ser arquiteto quando o Palácio da Cerca foi comprado pela Câmara Municipal de Almada, para ser reabilitado e devolvido ao público como Centro de Arte Contemporânea.

Crescer em Almada «foi maravilhoso». Tinha um grupo de amigos coeso, que ainda se encontra. «Descíamos de bicicleta até Cacilhas, íamos a umas grutas no Olho de Boi – esta é a parte que a minha mãe não pode ler [risos].»

«Percebi que se queria ser arquiteto tinha de passar um bocadinho por todas as componentes, seja paisagismo, seja urbanismo. E isso foi-me completando.»

Nasceu numa cidade desarborizada, que lhe deu a oportunidade de ajudar a moldar o Parque da Paz. «Foi uma experiência inigualável. Estavas a construir uma paisagem, num processo participativo. Hoje a desenhar zonas de estadia e amanhã estava a ser construído. Parte de mim está lá.»

Também ajudou a mudar a paisagem da Costa da Caparica, enquanto foi arquiteto na Parque Expo, entidade que geria o Programa Polis ao nível nacional. «O Ginjal e a Margueira podiam projetar a cidade, mas nada acontece», lamenta. Acredita que o futuro de Almada vai implicar «encontrar uma vocação» para este território e, sobretudo, um equilíbrio entre interesses públicos e privados. «A regeneração urbana só acontece quando o Estado também participa.»

A viver em Sintra há 10 anos, Tiago assume: «a qualquer sítio que vou tenho muito orgulho em dizer que sou de Almada. Gosto deste sítio, da pertença e se pudesse vivia aqui. Esta continua a ser a minha cidade».

LUÍS FILIPE CATARINO



Tiago Rocha
revisita um
local da
infância,
agora
recuperado,
a Casa da
Cerca

DE VOLTA À MARGEM CERTA

LÚCIO CORREIA marcou encontro no Castelo de Almada, onde brincou muitas vezes ao berlinde e ao pião. «Foi uma infância muito feliz» começa por dizer, «sempre na rua, de manhã à noite».

Pertencia a um grupo de amigos da Rua Capitão Leitão e da Rua da Judiaria. Lembra-se das «corridas de bicicleta», a descer para o Olho de Boi, depois a subir para o castelo. De irem pescar, dos torneios de atletismo, dos pavilhões cheios de gente para acompanhar jogos de várias modalidades. «Entrávamos nos pavilhões às 09h da manhã e saíamos às 07h da tarde.»

“Foi uma infância muito feliz, sempre na rua de manhã à noite”

Ainda fala com a professora Maria Otilia, da antiga Escola Primária Conde Ferreira, onde um dia entrou vestido de fato e gravata, dizendo que se «ia vestir assim o resto da vida». E acertou.

Aos 16 já era jogador profissional de andebol. Vestiu a camisola do Ginásio Clube do Sul e mais tarde Almada Atlético Clube. «Fazia parte do primeiro plantel da primeira divisão», lembra. Aos 19 anos, Almada abria o Complexo Municipal dos Desportos, no Feijó, que chegou a receber campeonatos mundiais de Andebol, «a modalidade rainha da cidade».

A vida fê-lo trocar a roupa desportiva pelo fato e gravata quando se formou em Direito e se tornou professor universitário e comentador desportivo. Através da Federação Europeia de Andebol passou seis anos na Áustria. Mas, «nunca me desliguei de Almada». Depois de 11 anos afastado da sua cidade, no Jardim do Castelo que o viu crescer, garante que está de regresso à margem sul.

Acha que Almada cristalizou, envelheceu e cresceu para o interior, esquecendo os lugares mais históricos. Mas tem esperança na mudança política e na regeneração que já vê na sua cidade.

Lúcio Correia no jardim do Castelo de Almada, um dos sítios que marcou a sua infância

VICTOR MENDES





Ricardo e Simone partilham um banco em plena Cândido dos Reis frente à Máfia das Pizzas

COSA NOSTRA

«Não é bairrismo, mas Almada tem mesmo uma atmosfera, uma maneira de estar própria», revela **RICARDO BORGES**, que no meio da Troika quis investir na sua cidade. Juntou-se à aventura a esposa, **SIMONE COSTA**, que também foi criada por cá. Apesar das saudades que tem de escrever, deixou o jornalismo para se dedicar ao Máfia das Pizzas, um dos restaurantes que fazem os lisboetas atravessar o rio.

Ele cresceu nos prédios mais altos de Cacilhas, ela à beira da nacional 10, no Laranjeiro. «Fomos um bocadinho mais livres», explica-nos Simone, lembrando que a sua geração «construía as suas próprias brincadeiras, e andava rua acima, rua abaixo, sempre a esfolar os joelhos». Brincava-se «ao espeta, no chão de terra batida», acrescenta Ricardo, que aos seis anos já tinha chave de casa. «A responsabilidade também era outra.»

Cacilhas era a grande referência da restauração. Mas a realidade com a Lisnave a funcionar era mais alegre», explica o empresário. Trabalhava no ramo da importa-

ção de instrumentos musicais, mas sempre teve «mão para a cozinha», revela Simone, atalhando caminho até ao projeto que abriram na Rua Cândido dos Reis.

As obras de pedonalização, interrompidas pela falência da empresa contratada, fecharam algumas portas, mas no seu caso, deram-lhe tempo para abrir com um projeto consistente. «A Câmara deu muita ajuda, porque era um projeto prioritário.»

Nos 50 anos de Almada, o Máfia das Pizzas celebra a primeira década com o orgulho de ter resistido à pandemia «sem despedir ninguém» e contrariando o fluxo habitual de pessoas. «Temos clientes de Lisboa a perguntar porque é que não abrimos daquele lado. Quisemos fazer o inverso. Fazer os Lisboetas vir à Margem Sul, sem ser só pelas praias, para conhecer a cidade.»

Tinham 7 anos quando Almada conseguiu atrair para o concelho a FCT NOVA, que viria a transformar-se no 2.º maior polo universitário da Área Metropolitana de Lisboa. É este espaço que gostariam de ver crescer no futuro, através do Innovation District, que até 2030 promete transformar 399 hectares na Caparica numa cidade sustentável.

**Susana
Gaspar no
pátio da
Escola Básica
de Almada**



OS SONHADORES E A CIDADE

«Tinha um fascínio enorme por Almada e acabei por ficar», confessa **SUSANA GASPAS**, que veio estudar para cá aos 13 anos. Morava no Seixal, mas «isto era muito mais à frente. Não era só pela proximidade a Lisboa, «era a cidade do rock», sublinha, de caracóis rebeldes e olhar brilhante.

Nos anos 80 «havia uma espécie de matilhas». A dos betos, a dos surfistas, entre outros grupos em que se compartimentavam os jovens. «Eu era do hard rock.» Não tocava, mas frequentava os ensaios dos amigos, nas garagens «do Zé da Cadela», um antigo baterista de jazz e rock, que na altura alugava o espaço aos novos grupos.

Em 1986, precisamente no ano em que vem para Almada, a cidade ganha o Parque Comandante Júlio Ferraz, um anfiteatro natural criado junto à Emídio Navarro. «Encontrávamo-nos lá todos, ouvíamos música, conversávamos e sonhávamos com o que iria ser a nossa vida.»

A Susana já queria ser professora, uma meta que acabou por alcançar com a instalação do Instituto Piaget no Pragal. A cidade crescia com esta geração, que vivia intensamente a rua. Hoje, os mais novos «têm tanta coisa que ficam perdidos. Vivem na solidão dos computadores e dos telemóveis». Mas há «os sonhadores, os eternos sonhadores», uma marca identitária que reconhece nas gentes de Almada. «Pessoas que arregaçam as mangas e não desistem, que querem fazer coisas na sua cidade, transformá-la numa coisa mais humana.»

Dá o exemplo do projeto Aletria, uma biblioteca itinerante criada pelo pai de um dos seus alunos, o ator João Tempera. «A cidade ganha com esta gente.» Gostava que a cidade crescesse de forma policentrada, pontilhada por pequenos núcleos, com atividades culturais. «Temos tempo e projetos para isso e as pessoas estão disponíveis para estar na rua e usufruir.»

«Os almadenses arregaçam as mangas e não desistem. Querem fazer coisas na sua cidade, transformá-la numa coisa mais humana.»

A cidade de Almada faz 50 anos!

Há cinco décadas – a 21 de junho de 1973 – a vila de Almada tornou-se cidade. Esta data histórica é celebrada entre junho e novembro com uma programação especial.

Para comemorar os 50 anos da elevação de Almada este ano o Dia de São João (24 de junho), padroeiro da cidade, foi assinalado de uma forma especial. Logo pela manhã foi apresentada a Comissão de Honra, que vai presidir às comemorações, e cumpriu-se a cerimónia de atribuição de medalhas municipais a algumas das personalidades do concelho que mais se destacaram em vários domínios.

Os festejos estenderam-se às ruas e reuniram almadenses, associações, clubes e coletividades, desportivas, sociais e culturais num momento único: o Cortejo dos 50 anos da Cidade de Almada. Depois de percorrer o eixo central da cidade o desfile culminou em Cacilhas com várias atuações dinamizadas pela comunidade artística e desportiva almadense. Neste espetáculo único 40 artistas de nível internacional, incluindo uma banda ao

vivo, conjugaram as artes circenses com a acrobacia, a dança, a representação e a música para celebrar os “50 Anos” e a identidade de Almada – Território de Muitos.

Esta noite de festa terminou com o concerto de Carlão, um almadense que subiu ao palco junto à Fragata D. Fernando II e Glória, e com um espetáculo único de fogo-de-artifício.

Integrado nas Comemorações dos 50 anos da Cidade de Almada, o programa “Está tudo em Festa” animou o concelho durante o mês de junho com música e muita animação, com a participação de artistas como Virgúl, Jorge Palma Trio, Paulo Flores, A Garota Não e Pedro Tochas. Também as tradicionais Marchas Populares de Almada voltaram a desfilar na Av. António José Gomes, na Cova da Piedade, na véspera de São João.

Até ao final do ano vai ser pintado um mural com a imagem dos 50 anos da Cidade de Almada, apresentadas exposições – “50 Anos 50 Rostos” –, um documentário – “Pessoas, Espaços, Cultura e Tradições de Almada” –, e realizadas conferências.

JOSÉ CARLOS FERREIRA

“ALMADA DEVERÁ SER UMA ‘CIDADE ESPONJA’ E MAIS VERDE”



Entrevista. Como será Almada no futuro? José Carlos Ferreira, especialista em Ambiente e Planeamento Regional, partilha a sua visão sobre os principais desafios da cidade nas próximas décadas e antecipa o que pode mudar com o impacto das alterações climáticas.

TEXTO DE **Sandra Gomes** FOTOGRAFIA **Carlos Valadas**

Revista Almada (RA) - Almada cresceu e transformou-se nas últimas décadas. Quais as mudanças mais significativas que podemos identificar na cidade?

José Carlos Ferreira (JCF) - Nos últimos 50 anos este território cresceu muito rápido e da forma que era possível. Nem sempre a ideal. Tal como outros municípios à volta de Lisboa, Almada sofreu uma enorme pressão com a chegada de pessoas vindas sobretudo do sul do país e das antigas colónias, o que resultou num crescimento desordenado, com construções pouco adequadas às condições locais. Obviamente que há coisas interessantes como, por exemplo, o local onde estamos (Parque da Paz), com uma biodiversidade fantástica para a qualidade de vida dos almadenses. Por outro lado, Almada tinha muito emprego local como na Lisnave e em outras empresas que, entretanto, fecharam ou foram deslocadas para outros territórios. Isso originou um aumento da mobilidade para outros locais, como Lisboa. Esta intensificação do uso dos transportes, sobretudo do automóvel, coloca-nos o problema do estacionamento e da ocupação do espaço público. Nos últimos anos, a CMA tem tentado corrigir alguns dos problemas originados pelo crescimento rápido e desordenado.

(RA) - De que forma o ordenamento urbano e o planeamento ambiental podem garantir a sustentabilidade da cidade?

(JCF) - Neste momento, o nosso sistema de planeamento é muito rígido e incompatível com os dias de hoje. Temos de ter um planeamento adequado aos objetivos e suficientemente versátil, para que se possa ir adaptando conforme as necessidades, de acordo com a legislação. Depois temos de ter um ordenamento de base ecológica, numa perspetiva mais ampla, ou seja, que tenha na base como funciona o solo, a questão da produtividade, da biomassa ou da infiltração da água. Temos de olhar para

o território como um ser vivo. O planeamento e o ordenamento de base ecológica são essenciais, assim como uma gestão urbanística mais versátil e sustentável. Se o Ambiente não estiver no centro das decisões, os nossos problemas vão agravar-se cada vez mais.

(RA) - Quais os principais desafios que vão definir o futuro da cidade?

(JCF) - São vários os desafios que se colocam a uma grande urbe como Almada, mas há um que vai determinar como serão as cidades do futuro: as alterações climáticas. As pessoas já começam a sentir o impacto no dia a dia: o aumento da temperatura e as ondas de calor, que afetam sobretudo as comunidades mais vulneráveis, e a diminuição drástica da precipitação, que vai acontecer de forma mais intensa e concentrada no tempo.

(RA) - Qual a urgência do planeamento da cidade de forma a responder às alterações climáticas?

(JCF) - É para ontem, porque o processo de planeamento é lento. Projetos estruturantes como começar a combater a subida do nível médio do mar elevando as cotas nas zonas junto ao rio, consolidar as arribas, que estão cada vez mais em risco de desmoronar. Tudo isso leva muitos anos a executar. Temos de começar a atuar já ou não vamos conseguirmos atenuar os riscos.

(RA) - As reservas de água disponíveis também são uma preocupação. O pode ser feito neste domínio para evitar e reduzir o desperdício de água e a sua reutilização?

(JCF) - No futuro, Almada vai ter de ser uma cidade esponja. A água da chuva vai ter de ficar aqui, ou seja, temos de reter a água e depois ir libertando-a aos poucos. Como? Recuperando tecnologia antiga, isto é, criando grandes cisternas subterrâneas, preparando as coberturas dos novos edifícios para reterem a água e reencominhá-la para essas cisternas ou outros sistemas de armazenagem. Tornando a cidade mais permeável, substituindo pisos impermeáveis por outros permeáveis. Temos também de reutilizar a água das Estações de Tratamento de Águas Residuais para regar espaços verdes ou para a lavagem de viaturas municipais. Almada tem um dos aquíferos mais produtivos da Europa, mas temos de o preservar. Quando for necessário, e já se justificar do ponto de vista económico e tecnológico, temos de apostar também na dessalinização. No nosso país ainda não estamos nessa situação, mas podemos reduzir a pressão sobre os nossos recursos encontrando outras fontes.

(RA) - De que forma a CMA pode contribuir com medidas para adaptar o território e para mitigar os efeitos das alterações climáticas na cidade?

“São vários os desafios que se colocam a uma grande urbe como Almada, mas há um que vai determinar como serão as cidades do futuro: as alterações climáticas.”

(JCF) - Em relação à temperatura temos de apostar em espaços como este (Parque da Paz). Numa rua urbana que tenha um bom alinhamento de árvores, em comparação com uma rua que não tem qualquer espécie vegetal, vamos ver diferenças de temperatura na ordem dos 5, 6 e até mesmo 7 graus. A introdução de áreas verdes com espécies adequadas, de baixa manutenção, além de tornar o solo mais permeável à água, contribui para amenizar a temperatura na cidade. Em espaços de maior densidade urbana, como as zonas históricas, os jardins verticais podem ser uma solução.

(RA) - A mobilidade sustentável é outras das apostas dos centros urbanos. De que forma esta preocupação pode ser materializar em Almada?

A mobilidade na cidade é essencial. Já temos metro de superfície, mas a rede tem de ser ampliada. É necessário dar prioridade ao transporte público elétrico com vias dedicadas. A mobilidade vai passar por aí. Mais elétrica e pública, apostando na diminuição do transporte privado. São importantes políticas públicas que promovam o espaço urbano onde o transporte individual é diminuto. Criar bairros em que se comece a retirar os carros, a pouco e pouco, dando algo em troca - espaço público de melhor qualidade. Estes laboratórios vivos são essenciais para essa mudança.

(RA) - Como imagina este território daqui a 20 anos?

(JCF) - Devido à sua localização estratégica e centralidade, Almada tem tudo para ser um polo urbano de referência no futuro em termos de urbanismo sustentável, com um espaço público onde a mobilidade individual seja reduzida, onde existam mais espaços verdes, com melhor qualidade de vida. Tem também de haver equidade, ou seja, linhas de financiamento para que todas as pessoas possam adaptar os seus edifícios, mesmo quem tem menos recursos, para que a cidade seja mais resiliente às alterações climáticas. Almada tem uma população dinâmica, multicultural e multigeracional. É um território muito diverso e isso só pode trazer coisas boas.

50 anos em desfile

ALMADA SAIU À RUA, no dia 24 de junho, para celebrar os 50 anos de elevação a cidade. Entre o desfile organizado pela CMA e os milhares de pessoas que o acompanharam, foi um dia pleno de cores e sons de festa. Nessa tarde quente de verão, celebrámos juntos uma comunidade solidária, diversa e inclusiva, mas também lutadora, inovadora e vibrante. Que viva estás, Almada.

FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**

TEXTO DE **Paulo Tavares**











PORTFÓLIO







GELADOS MONTE NEVE

A TRADIÇÃO DO GELADO ARTESANAL DESDE 1966

Foi a construção da Ponte 25 de Abril que entusiasmou o gelateiro Orlando Ceia a vender a loja no Restelo, a conhecida “Gelados Chile”, e a fixar-se em Almada em 1966, no início da Avenida do Cristo Rei. Começava assim a história da geladaria mais antiga da cidade de Almada, a Monte Neve.

TEXTO DE **Ana Paula Cruz** FOTOGRAFIA **Anabela Luís**

Uma casa com 57 anos de história, com fabrico próprio e artesanal de gelado durante todo o ano, com uma clientela fiel e que continua, nos dias de hoje, a conquistar novos clientes. O segredo do sucesso, defende Maria José Andrade, filha do fundador, “é a qualidade dos ingredientes”. O leite dos Açores, enquanto base dos gelados, é obrigatório. Nas suas “composições” só utiliza limão nacional e o pistácio tem de ser do mediterrâneo, por exemplo.

“Nos gelados, o tradicional é o que mais se vende, - chocolate, baunilha, morango e o doce de leite -, mas hoje o cliente também gosta de coisas diferentes.” Sempre que se inspira, tenta inovar, criar combinações e sabores mais exóticos como melão com lima ou a “flor da índia”, que junta uma mistura de especiarias indianas e amêndoa. As cassatas e as sandes de gelado são também um clássico muito procurado da Monte Neve. As cassatas foram inclusive bastante elogiadas pelos anteriores reis de Espanha, “que as provaram num jantar oficial, numa das visitas a Portugal.” A Monte Neve fornecia o Alfeite, na altura.

“O MEU PAI ERA MESMO UM GELATEIRO”

Enquanto vai resgatando as memórias do início da atividade da “firma”, na esplanada da loja de fachada cor-de-rosa, Maria José interrompe a conversa para atender clientes que, com a chegada dos dias mais quentes, começam a aumentar. A história da geladaria é a história de vida do pai, Orlando Ceia, de quem fala com admiração, sublinhando a sua visão e espírito empreendedor.

Natural da Beira Alta, Orlando Ceia vem para Lisboa na década de 40, com 17 anos, à procura de uma vida melhor. Um mestre gelateiro italiano, que encontrou refúgio em Portugal durante a segunda guerra mundial, deu-lhe trabalho na sua loja, na baixa Lisboa, e foi assim que se iniciou no ofício que o viria a apaixonar.

“Desde que aprendeu isto, o meu pai nunca mais quis outra coisa. Era mesmo um gelateiro. Foi um homem extraordinário, muito inteligente e trabalhador. Da baixa de Lisboa foi para a Praça do Chile, onde abriu um balcão de gelados numa grande esplanada que pertencia a uns espanhóis. A partir dali começou a crescer e foi para uma loja no Restelo, a que pôs o nome Gelados Chile.”

Maria José recorda os gelados de fruta, embalados e com “pauzinho”, que o pai fazia e que ela escondia atrás das costas para levar para as amigas do bairro. O pai achava piada e fingia não ver. A vida seguia tranquila no bairro, mas mais uma vez o espírito arrojado de Orlando não o deixou sossegar. “Com a construção da ponte, pensou que Almada ia desenvolver-se muito. No Bairro



do Restelo estava mais confinado. Vendeu a loja e veio para aqui, para próximo das praias”.

“TINHA VENDEDORES COM AQUELAS MALAS A TIRACOLO NAS PRAIAS TODAS DA COSTA”

Corria o ano de 1966 quando a Gelados Monte Neve abriu portas, até hoje. Um problema de saúde do pai fez com que Maria José deixasse o emprego (teria uns 30 anos) e viesse, a pedido da mãe, dar uma ajuda para a loja de Almada, que era um sucesso. “Nessa altura tínhamos aqui pessoal empregado na fábrica (no espaço contíguo à loja) e fazíamos uma distribuição muito grande de gelado. Tinha vendedores com malas a tiracolo naquelas praias todas da Costa até à Fonte da Telha. Os vendedores que trabalhavam connosco ao fim de semana eram todos carteiros, aqui de Almada e de Lisboa. O meu pai tinha um carro grande de frio, levava os carteiros e fazia também festas populares pelo país.”

Ao lado da chefe de fábrica, Maria José absorveu tudo o que conseguiu. Apesar dos pais continuarem a viver em Lisboa e atravessarem todos os dias a ponte para trabalhar, fixou-se em Almada com a sua família. Dedicou-se ao negócio familiar, que continua a manter e que é também muito acarinhado pelas suas duas filhas.

Hoje em dia, não tem empregados. Assegura o funcionamento da geladaria com o marido. Conta que “após a entrada na União Europeia e o crescimento das grandes marcas de gelados”, o negócio esmoreceu, mas os gelados artesanais Monte Neve continuam vivos e autênticos. “Como em tudo na vida, o que interessa é gostarmos. Se gostarmos do nosso trabalho, temos sempre sucesso.”



UMA JORNADA UNICA DE FE E PEREGRINAÇÃO

Entre as centenas de milhares de jovens peregrinos esperados na Jornada Mundial da Juventude, muitos hão de encontrar guarida e porto seguro em Almada. Nestas páginas contamos-lhe as histórias de quem decidiu voluntariar-se, daqueles que optaram por acolher jovens e ainda escutamos os conselhos do Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Américo Aguiar, presidente da Fundação Jornada Mundial da Juventude, acredita que este vai ser um momento irrepetível e que quem optar pela praia ou por outras distrações pode, um dia, vir a arrepender-se.

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

D. AMÉRICO AGUIAR

“NÃO SE
ARREPENDAM. É UM
ACONTECIMENTO
IRREPETÍVEL E AS
PRAIAS VÃO ESTAR
SEMPRE AÍ”



Entrevista. O Bispo Auxiliar de Lisboa e presidente da Fundação Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 fala do impacto do evento em Almada, um “local preferencial” para o acolhimento de peregrinos. D. Américo Aguiar deixa ainda um apelo aos almadenses. Que estejam disponíveis para acolher “novas culturas, gerações e experiências” e para receber a mensagem de paz, justiça e fraternidade do Papa Francisco.

TEXTO DE **Paulo Tavares** FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**

Revista Almada (RA) - Almada não é “oficialmente” um dos municípios da JMJ 2023, mas será certamente um destino para muitos dos jovens peregrinos. Que impacto estimam nesta margem do Tejo?

D. Américo Aguiar (AA) - Esperamos que a Jornada tenha, tal como em todo o País, um enorme impacto, sobretudo junto dos jovens que aqui encontrem uma oportunidade de se encontrarem com os valores da JMJ e a mensagem do Papa Francisco: a procura de um mundo mais justo, mais fraterno, um mundo de paz e amigo do planeta.

RA - Tem havido contactos de coordenação entre a Fundação e a Câmara Municipal de Almada? Quais os principais pontos em agenda?

AA - Sim e a própria presidente da Câmara desejou, de viva voz, que a Jornada Mundial da Juventude seja “um sucesso”. No passado dia 20 de outubro, a sede da Fundação JMJ teve o prazer e a honra de receber a autarca Inês de Medeiros para um encontro comigo. No final, assumiu que, para Almada, este acontecimento será “muito importante”, acreditando que se tratará de “um momento muito desafiante para todos” e “um momento de grandes encontros”

RA - Qual a programação – cultural e religiosa – prevista para Almada?

AA - No programa da Jornada Mundial da Juventude não está, por enquanto, prevista qualquer programação específica para o concelho de Almada. Mas nada está fechado. Até lá o que já é certo é que, sendo um dos con-

celhos mais próximos do epicentro da JMJ 2023, Almada será um dos locais preferenciais para o acolhimento dos milhares de peregrinos que, em breve, começarão a chegar a Portugal. A própria autarquia, em comunicação com a organização da Jornada, já disponibilizou equipamentos para acolher alguns dos jovens que se inscreveram neste acontecimento único para Portugal e sempre muito especial para a Igreja.

RA - Há cerca de uma semana e a precisamente 100 dias do evento, a Igreja dava nota de que faltava ainda um terço dos 30 mil voluntários que a organização pretende ter em agosto. Que esforços vão desenvolver para atingir esse número?

AA - Desde esse ‘alerta’, foi já feito um grande esforço de divulgação e campanhas nos meios de Comunicação Social, apelando à generosidade e à hospitalidade dos portugueses. Um esforço que vai continuar, mas que já deu os seus frutos, permitindo que já se tenha duplicado - em poucas semanas - o número de voluntários inscritos e prontos para apoiar nas mais diversas tarefas deste gigantesco esforço colectivo.

RA - Qual a mensagem que deixaria a um jovem almadense que esteja na dúvida entre inscrever-se como voluntário ou ir passar uns dias na praia, como sempre fez?

AA - Deixo antes um aviso ou conselho: vais-te arrepender. Este é um acontecimento único e irrepetível em Portugal nos teus anos de vida. As praias maravilhosas do concelho de Almada vão estar aí por muitos e longos anos. À JMJ 2023 podes ir agora e nunca mais. À praia, podes ir sempre.

RA - Para lá do voluntariado, como é que os católicos almadenses podem envolver-se nesta Jornada?

AA - Acolhendo. Sempre. Acolhendo novas culturas, gerações e experiências. Acolhendo a mensagem do Papa Francisco. Acolhendo um momento único de partilha com povos oriundos de todo o Mundo e que estarão em Portugal em nome da paz.

“Almada será um dos locais preferenciais para o acolhimento dos milhares de peregrinos que, em breve, começarão a chegar a Portugal.”

QUANDO A FÉ ABRE PORTAS

Almada prepara-se para receber largos milhares de peregrinos durante a Jornada Mundial da Juventude. Quem vai abrir a porta de casa como família de acolhimento? Quem vai voluntariar-se? Qual a importância deste encontro, que acontece pela primeira vez em Portugal?

TEXTO DE **Margarida Leal e Joana Mendes**

Em 1997, Maria Cristina Branco participou na Jornada Mundial da Juventude em Paris. Foi uma “experiência única” que não lhe deixou margem para dúvidas: tinha de ir a Roma participar no próximo encontro. E foi. Passados 23 anos, esta arquiteta almadense, já com dois filhos, quer agora ajudar a acolher os jovens que rumam a Portugal de 1 a 6 de agosto. “Quando se forem embora, e se esta for a primeira experiência, quero que tenham vontade de repetir. Como eu.”

Participar na organização da JMJ é “um salto de fé, uma experiência de uma escala que ninguém tem no-

ção”. Volta a dar o exemplo de Paris, onde o metro parou pelo volume de pessoas que tentava circular. Mas nem isso perturbou o espírito. Os peregrinos fizeram jus ao nome a passaram a deslocar-se a pé. “E, de repente, nas ruas, todos começaram a entoar o hino daquela Jornada Mundial. Inesquecível.”

É “a energia que se sente” que deixa marcas. São jovens de culturas muito diferentes, que não falam a mesma língua, mas que têm algo que os une a todos. E não é a religião, garante. “Estamos todos pelo encontro, nem sequer se fala se és desta ou daquela religião.”

De uma coisa Maria Cristina Branco tem a certeza. “A fé é a rocha por debaixo dos pés. É o que nos faz querer continuar a avançar, construir algo, lutar pela justiça, arriscar nas aventuras que nos propõem.”

A sua próxima aventura é ser voluntária nesta Jornada, num tempo em que a Igreja Católica portuguesa ainda lida com o escândalo da pedofilia. “Não podemos ser coniventes. Senão, tudo aquilo que defendemos cai por terra. Todos temos de lutar para construir algo melhor.”

SER VOLUNTÁRIO NA JMJ

Pedro Correia é outro dos mais de 300 voluntários paroquiais contabilizados no concelho de Almada. Ligado à vigararia (termo eclesial para agrupamentos de paróquias) da Caparica, Pedro está na organização desta Jornada há mais de dois anos. Ao contrário de Maria, esta é a primeira vez que Pedro participa na JMJ. “A Jornada traz-nos este espírito de missão. Missão para com o outro,

Maria Cristina Branco no jardim da Cova da Piedade

CARLOS VALADAS



JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE



Pedro Correia é um dos mais de 300 voluntários paroquiais do concelho de Almada

para com a sociedade”, garante o engenheiro informático que, aos 23 anos, é responsável pela coordenação de uma equipa que prepara a logística da Jornada a nível local.

Desde a organização do alojamento, à logística das refeições, às deslocações dos peregrinos dentro do concelho ou à passagem do festival All Around por Almada, são muitas as tarefas que Pedro desempenha, dedicando atualmente mais de uma hora por dia à causa.

“Este é um evento que traz, pelo menos, um milhão de jovens ao país e acaba por ser um encontro que não é feito só para jovens católicos, mas para todos os jovens. Esta questão da multiculturalidade traz-nos experiências que podem ser muito enriquecedoras para a nossa vida”. Um evento de grande dimensão, aberto a todos os que queiram participar, acaba por cativar muitos jovens para a missão do voluntariado. “Neste momento, há jovens que querem ser voluntários na Jornada pelo que o evento representa para o país, para estarem ao serviço do outro num encontro que vai acontecer uma única vez em Portugal e nunca mais, nas nossas vidas, acontecerá aqui.”

Quando a Jornada Mundial da Juventude arrancar, a 1 de agosto, Pedro Correia vai estar no terreno a garantir

que tudo acontece conforme planeado. “Estarei mais na minha paróquia de residência, Vale Figueira, onde iremos acolher mais de 500 jovens só dentro do edifício da igreja”, garante Pedro com o entusiasmo de quem se voluntaria em prol dos outros.

UMA COMUNISTA QUE SE FEZ CRISTÃ

Luísa e Manuel Carvalho disponibilizaram a sua casa para receber até nove jovens. “Vai ser necessário. Os hotéis vão estar cheios com pessoas com maior capacidade financeira, mas é preciso abrir portas ao peregrino de mochila às costas”, explica Luísa, que gostaria de contribuir para marcar “a memória de uma geração”.

Na juventude percorreu outros caminhos. Pertenceu à União de Estudantes Comunistas onde não deixou passar uma única reunião geral. Batizou-se já com 36 anos. O pai “tinha feito um corte radical com a Igreja”, porque para casar teve de pagar a dívida da côngrua, uma contribuição obrigatória para as famílias católicas na época e que a sua, mais pobre, não teve capacidade de suportar. Trabalhava no Alfeite e teve de entregar “um ano de salário”.

Mas, depois do primeiro sacramento, Luísa já não se afastou mais da igreja católica que, garante, lhe salvou o casamento.



ANABELA LUÍS

Em cima, Lúcia e Rodrigo com os filhos no Parque Urbano Comandante Júlio Ferraz. Em baixo, Luísa e Manuel num parque da Cova da Piedade. Os casais vão receber em suas casas jovens que participam na JMJ



ANABELA LUÍS

O casal de estudantes que se conheceu na Emídio Navarro casou cedo, aos 16 anos. Tiveram três filhos e, depois de uma vida inteira na banca, Manuel fez parte de um despedimento coletivo que apanhou 89 trabalhadores. O casamento entrou em crise, mas um cursilho de cristandade para casais voltou a dar-lhes o nó. “Eu digo que entrei divorciada e saí de lá casada.”

A dinâmica familiar sempre incluiu receber jovens estudantes estrangeiros, “fosse através da escola dos três filhos, fosse através da comunidade cristã.” A experiência mais próxima das Jornadas foi terem recebido cinco jovens que participaram num grande encontro da comunidade de Taizé (França) em Lisboa.

“Tivemos cinco jovens em minha casa, três muito santinhas e duas muito animadas”, lembra Luísa. “A responsabilidade é grande”, confessa Manuel, mas “eles vão ter uma experiência única na vida e a mim dá-me um prazer imenso saber que vou proporcionar-lhes isso”, conclui Luísa.

VER CRISTO NOS OUTROS

Na casa de Lúcia e Rodrigo também vão existir camas para acolher os jovens peregrinos da Jornada Mundial da Juventude, independentemente da idade ou da língua que falem.

“A linguagem do amor é universal. Mal ou bem havemos de conseguir comunicar”, garante esta enfermeira natural de Pêro Pinheiro (Sintra). “Alegra-nos saber que contribuímos para a partilha de experiências, de conhecimento e de culturas”, acrescenta o marido, um informático nascido e criado na Cova da Piedade.

São católicos praticantes, mas afirmam que este evento é para todos os jovens, independentemente da fé que os mova. Afirmam ainda que decidiram voluntariar-se também pela educação que fazem questão de dar aos três filhos, ainda pequenos.

O mais velho faz 10 anos no último dia da Jornada. É o que melhor se apercebe do que vai acontecer. “Está com curiosidade, expectante”, dizem os pais, que apesar de nunca terem participado em nada do género, querem aproveitar este encontro mundial para reforçar alguns valores junto dos três filhos.

“Queremos transmitir que o amor de Cristo está aí para todos e podemos acolher qualquer pessoa. Todos somos iguais, todos somos filhos de Deus.” Depois, “quem vem também partilha muito”, sublinha o casal, que quer deixar uma semente a germinar nos seus filhos. Para uma maior “abertura e tolerância ao outro, para que tenham a capacidade de ver Cristo nos outros”.

A Jornada em Almada

Já está em contagem decrescente o arranque da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) 2023. De 1 a 6 de agosto, a região de Lisboa acolhe este encontro de expressão da Igreja universal e evangelização do mundo juvenil, que tem como lema a citação bíblica do Evangelho de São Lucas “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39).

As edições internacionais da JMJ, iniciadas em Roma, em 1986, pela mão de João Paulo II, são eventos religiosos e culturais abertos a todos, quer estejam mais próximos ou mais distantes da Igreja. Reúnem centenas de milhares de jovens peregrinos de todo o mundo com o Papa, manifestando-se como um convite a uma geração determinada em construir um mundo mais justo e solidário, promovendo a paz, a união e a fraternidade entre os povos e as nações de todo o mundo.

Sendo Almada um dos concelhos vizinhos da JMJ, é expectável que haja grande afluência de peregrinos, nomeadamente ao Santuário de Cristo Rei, considerado um dos monumentos religiosos mais visitados do país, mas também às praias da Costa da Caparica. As previsões da organização apontam para a receção de cerca de 24 mil pessoas no Município de Almada,

que são acolhidos, na sua maioria, em instalações públicas, paróquiais ou em casas de famílias de acolhimento.

No que diz respeito à mobilidade, prevê-se uma maior confluência de pessoas nos percursos entre o terminal fluvial de Cacilhas e o Seminário, entre a estação fluvial da Trafaria e o Parque Urbano da Costa da Caparica, na zona do Santuário do Cristo Rei, no Parque da Paz e no Paredão da Costa da Caparica.

De qualquer forma, como a dimensão do evento origina um grau de imprevisibilidade significativo, há necessidade de uma comunicação em tempo real dos dados relevantes. Para o efeito, criámos este código QR que o pode ajudar a atualizar toda a informação.

Além dos momentos de oração, partilha e lazer, os jovens podem

também participar nas várias iniciativas programadas. Está prevista a instalação de um palco no Parque da Paz, onde se vão realizar as Catequeses, nas manhãs dos dias 2, 3 e 4 de agosto, e, na tarde de quarta-feira, o Festival All Around, de acesso livre, com a atuação de diversos grupos musicais e de dança do concelho, dinamizado por paróquias e peregrinos. Junto ao palco, um ecrã gigante transmite os Atos Centrais (que contam com a presença do Papa Francisco) como as cerimónias de acolhimento e abertura, a via-sacra, a vigília e, no último dia, a missa de envio.

Uma das novidades na JMJ 2023 são os Encontros Rise UP, um novo modelo de catequese que envolve uma série de encontros preparatórios, entre abril e junho, onde é proposta aos jovens a reflexão sobre temas de extrema importância para o mundo e para a vida em sociedade, lançados no pontificado do Papa Francisco - Ecologia Integral, Amizade Social e Misericórdia.



SUMOL SUMMER FEST

DÁ À COSTA O SUMOL SUMMER FEST



RAQUEL FRANÇA

O Parque de Campismo do INATEL, junto à praia de São João, é a nova casa do Sumol Summer Fest, um festival que até agora tem marcado o início do verão na vila da Ericeira.

TEXTO DE **Paulo Teixeira** FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**

Com a “família” a aumentar, houve necessidade de procurar um espaço maior e foi na Costa da Caparica que Luís Montez, diretor da promotora Música no Coração, encontrou “o melhor sítio da Grande Lisboa para este tipo de eventos e ainda mais próximo do mar”.

Numa entrevista gravada antes do Festival (a tempo do fecho desta edição da revista Almada), Luís Montez explica-nos, afinal, o que é afinal o Sumol Summer Fest. “É um festival muito jovem, que apostou no Hip Hop nacional e internacional - Brasil, França, Estados Unidos, Inglaterra e, claro, Portugal - que esteve sempre ligado ao surf e ao skate, juntando-se mais tarde à arte urbana e à dança. A arte urbana esteve sempre ligada ao Hip Hop, são indissociáveis. Depois, estarmos numa das melhores praias do país e não associarmos o surf... é impensável!”

“SOMOS SENSÍVEIS À IGUALDADE DE GÉNERO”

Existe também um espetáculo único em cada festival. Este ano, esse momento fica a cargo das Guerrilla Girls, uma homenagem a um coletivo norte-americano dos anos 80, composto por artistas feministas, que denunciava a desigualdade de género e racial. Este projeto dá voz ao que de bom se faz ao nível do rap português no feminino, com Blaya, Carla Prata, Cíntia, Eva Rap Diva, Muleca XIII, TVON e DJ Alexia a assumirem essa responsabilidade.

“Somos sensíveis à igualdade de género e isso o Hip Hop também já absorveu. Tínhamos de fazer um espetáculo destes. Há muito boas cantoras de Hip Hop nacional e vai ser curioso vermos aqui, num grande palco, com bom som, boa luz, bom vídeo, com todas as condições, que este género musical está forte e a crescer.”

MAIS PÚBLICO DO QUE NA ERICEIRA

A organização espera uma maior afluência do que nas anteriores edições, com um número elevado de festivaleiros-campistas. Apesar das boas notícias do ponto de vista turístico, há sempre alguma preocupação do lado de quem ali mora ao lado. Luís Montez garante que “o festival traz público de todo o lado, mas não vamos incomodar a população local. São só dois dias e este espaço tem condições únicas, o som vai todo para o Oceano Atlântico.”

O promotor acredita que esta mudança é muito positiva, não só para os visitantes do festival, mas também para a dinamização de um espaço que não estava a ser utilizado. “Temos todas as condições para que este seja o primeiro de muitos anos aqui. Almada fica mais perto

LUÍS FILIPE CATARINO



“Temos todas as condições para que este seja o primeiro de muitos anos aqui. Almada fica mais perto do aeroporto e tem uma oferta hoteleira maior.”

do aeroporto e tem uma oferta hoteleira maior. É incrível podermos vir de barco, de comboio, de metro, de autocarro, para além dos TVDE. Isto é um luxo, além da deslocação em transportes públicos ser mais ecológica.”

A sustentabilidade é um tema fundamental na organização do Sumol Summer Fest. E nesse campo há pequenos pormenores que podem fazer a diferença. “Os patrocinadores estão proibidos de distribuir brindes em plástico, além de estarmos a trabalhar com a CMA para deixarmos a praia impecavelmente limpa, como a encontramos. Temos várias parcerias, desde logo com a Refood, para o que sobrar de alimentação ser entregue aos mais carenciados. Outra é com a Pacha, que é uma marca que utiliza os resíduos dos campistas para fazer roupa, que é uma forma de reciclar o que é usado e descartado no campismo.”

Esta 13ª edição do festival abre as portas ao verão com uma energia muito característica, boa música, entre amigos, sem complicações e, “numa localização privilegiada, estou a imaginar aqui, ao final da tarde, o *sunset*, a ouvir música, depois de um dia de praia com os amigos, vai ser *top*”.

ALMADA EM MIM



INÊS DE MEDEIROS

“A MINHA
ALMADA SÃO
AS PESSOAS”

Tentando mostrar o que Almada teima em esconder, a autarca defende para o concelho um papel de liderança no projeto Arco Ribeirinho Sul, critica algumas entidades do Estado que retiram autonomia aos municípios na gestão do território e fala de um futuro que só pode ser construído com as pessoas.

TEXTO DE **Paulo Tavares**
FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**

“Qualquer pessoa que ache que Almada é um dormitório está absolutamente enganada.” À frente dos destinos da autarquia desde outubro de 2017, a defesa do território surge natural, a cada esquina da conversa e é assumida sem hesitações. “Almada tem imensa vida própria e uma identidade muito forte, muito marcada. É algo que os Almadenses preservam muito.”

A autarca confessa que ainda se deixa surpreender pelos Almadenses e por uma vida que se faz, acima de tudo, das pessoas e das relações entre elas. “A minha Almada são as pessoas. O que é que as pessoas mais valorizam?”

Em baixo: A imponência e a luz natural da Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Na página seguinte: Piscinas de São Paulo, encerradas há anos, e porta do Salão das Carochas



A vida em Almada. E a vida em Almada não se faz apenas em pontos turísticos. A vida aqui faz-se nas ruas, nos cafés, nos restaurantes.”

Conversávamos em plena igreja da Nossa Senhora da Assunção, um projeto de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, exemplo de arquitetura modernista, inaugurado em 1969 e que foi uma das primeiras igrejas em Portugal a incorporar as mudanças saídas do Concílio Vaticano II no seu desenho.

“Almada tem muitas destas jóias escondidas”, ia dizendo Inês de Medeiros, apontando aqui e ali os traços de uma igreja marcante. “É muito impressionante. Há uma outra que é a grande referência das igrejas do Nuno Teotónio Pereira em Lisboa, que é o Sagrado Coração de Jesus, quando na realidade esta tem uma imponência que não é sequer comparável.

E muita dessa escala vem de uma luz natural que surgiu depois de um pedido da Presidente, para que se apagassem as luzes. Entre a frieza do betão e o calor da madeira e da cortiça, regressa a comparação. “É muito mais disruptiva, com um jogo de luzes único e uma noção de espaço comum que não existe na outra.”

A CMA tem planos para começar a tornar mais visíveis estas marcas arquitectónicas. “As obras estão cá e já estamos a trabalhar com a trienal de arquitectura, para dar a conhecer esta outra faceta de Almada, que está muito presa a dois símbolos, o Cristo-Rei e o pórtico da Lisnave, mas há mais.”

Um “mais” quase envergonhado. “Tenho sempre esta noção de que Almada é a cidade tímida, quase pudica, ao contrário de Lisboa. Lisboa expõe-se e Almada esconde-se. É uma cidade recolhida, muito mais recatada.” Daí que seja “importante chamar as pessoas. Dizer: ‘transponham a arriba e venham conhecer o que aqui está’”.

Com Almada a comemorar 50 anos de elevação a cidade, Inês de Medeiros recorda a surpresa dos primeiro tempos como candidata autarca, ainda deputada e bem antes das eleições de 2017. “Surpreendeu-me esta vida escondida, que conhecia como qualquer pessoa que vem a Almada ao Festival Internacional de Teatro ou à Costa da Caparica... era essa a minha ligação.”

A caminho de umas piscinas municipais abandonadas, perto da Casa da Cerca, atravessa-se uma teia urbana intrincada, quase caótica. “Não é segredo para ninguém que Almada desenvolveu-se de forma um bocado inor-

“Já estamos a trabalhar com a trienal de arquitectura, para dar a conhecer esta outra faceta de Almada”



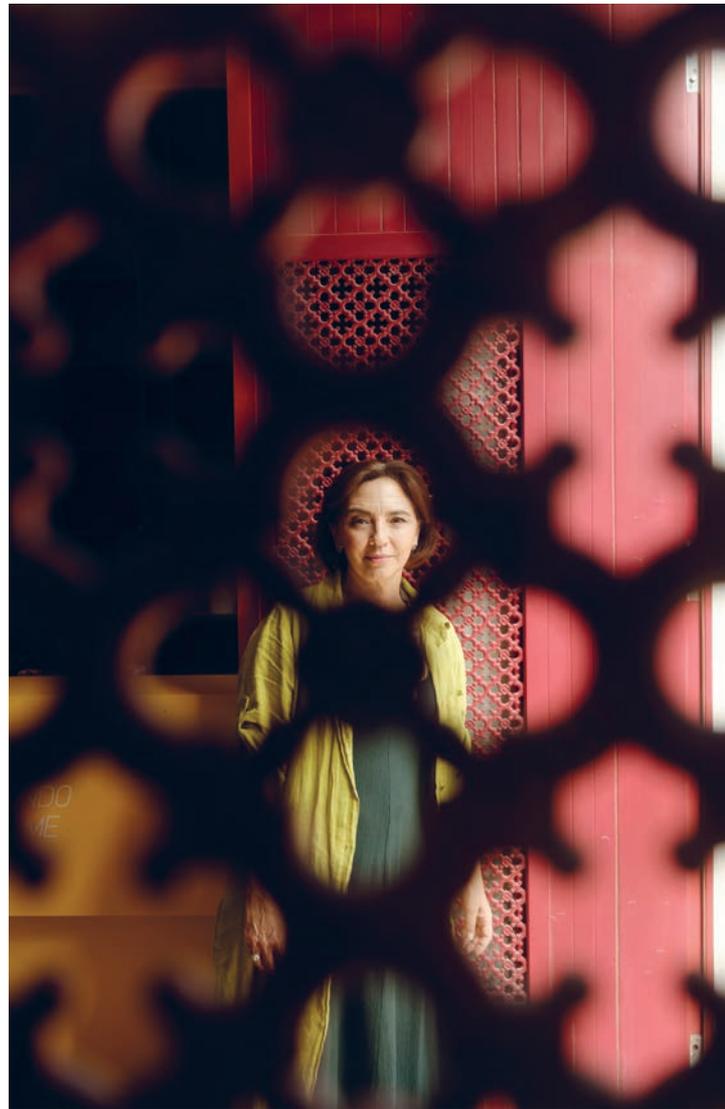
gânica e nalguns sítios até um bocado caótica. As pessoas foram tecendo relações e criando uma harmonia sobre esse caos. Isso é o lado mais fascinante”.

A questão hoje, com o passo da requalificação a acelerar, é preservar identidades. É esse, considera a Presidente, “o maior desafio enquanto autarcas, é tentar arranjar forma de conciliar o desenvolvimento e a requalificação com a preservação da vida local e da própria identidade. É necessário assegurar um sentido de comunidade e uma identidade fortes. É este ‘viver juntos’, que é diverso num território. Não se tem a mesma identidade aqui no centro de Almada do que se tem na Cova da Piedade ou no Laranjeiro. São diferentes, mas válidos. E são esses tecidos humanos que unem uma comunidade”.

Já passeávamos pelo interior das tais piscinas municipais encerradas há muito, ali a meio caminho entre a Casa da Cerca e a escola Conde de Ferreira, quando Inês regressa à ideia de uma cidade tímida. “Almada é um pouco como aquelas adolescentes que têm imensa roupa, muito larga, três números acima e cuja beleza só se revela quando começam a comprar roupa uns números abaixo.”

Inês de Medeiros diz ter planos para aquelas piscinas, num sítio com uma vista única sobre o Tejo. Recuperar o espaço, criando “um centro que será sempre de arte moderna e contemporânea ou de fotografia”. Esta será uma nova peça numa espécie de eixo cultural ao longo da cota mais alta da cidade.

Olhando para baixo vê-se o Ginjal. “Uma dor de alma”, confessa Inês, que lamenta todos os obstáculos à recuperação de uma zona essencial na relação de Almada com o rio. E há uma desilusão recente. “Um recurso do



“O maior desafio é conciliar o desenvolvimento e a requalificação com a preservação da vida local, assegurando um sentido de comunidade e uma identidade fortes”

ALMADA EM MIM





Estado em relação ao domínio público marítimo, através da Agência Portuguesa do Ambiente, que nos parece absurdo e sem sentido. Sobretudo porque promove o abandono, não traz nada de positivo, nada. É uma reclamação de domínio público, mas não é para preservar, não é para cuidar, é para manter o abandono.”

Recusando falar de frustração, que diz ser um sentimento paralisante, a autarca lança um desafio ao Estado central. “Se é domínio público, então o Estado, através da APA, tem de assumir as suas responsabilidades. Há uma arriba para cuidar, há ali todos aqueles edifícios que estão ao abandono. Temos de ser consequentes com o que exigimos.”

Com os terrenos da Lisnave ali ao lado, Inês de Medeiros afirma que “Almada é a prova de que os municípios são as melhores entidades para gerir o território. Quando há outras entidades públicas a gerir, vê-se o resultado. O ICNF ou a APA são fundamentais para o acompanhamento dos municípios, mas são péssimos gestores do território, péssimos! E também não podem ser os grandes inquisidores de uma moral de preservação, quando eles próprios são muitas vezes um factor de abandono. Criam o abandono”.

Ginjal e Margueira - os terrenos da antiga Lisnave -, são “dois casos que não dependem da câmara. Temos feito tudo o que podemos para acelerar processos”, garante Inês de Medeiros. “Em relação à Margueira, o governo anunciou agora o Arco Ribeirinho Sul, uma nova forma de gestão. A Câmara tem estado a trabalhar na revisão do plano de pormenor, que é fundamental, porque o que existia tem quase 20 anos.”

Admitindo que os Almadenses têm uma tolerância muito baixa a anúncios que não se concretizam, a autarca assume toda a ambição deste novo projeto. “Ninguém vai levar a mal que eu defenda, e defendo, que a Margueira é o motor do desenvolvimento do Arco Ribeirinho. Todo este projeto tem de começar por Almada. É o que os investidores querem e, enquanto isto não avançar, tenho dúvidas de que o resto avance.”

Será sempre uma zona onde a CMA não tem autonomia absoluta, logo mais vale apostar em ir adiando trabalho nas áreas envolventes. “Temos a Romeira ali ao lado e estamos muito apostados na sua recuperação. Te-

“O ICNF e a APA não podem ser os grandes inquisidores de uma moral de preservação, quando eles próprios são muitas vezes um factor de abandono. Criam o abandono”



Em cima: o Tejo visto a partir da Mutela, entre a Base do Alfeite e os terrenos da antiga Lisnave
Em baixo: Primeiros edifícios recuperados no Forte da Trafaria, que vão receber associações locais, startups e pequenas empresas na área das indústrias criativas



mos dois grandes projetos - a criação da Loja do Cidadão, para levar serviços para aquela zona e uma residência para estudantes”

Reabilitar a Romeira e criar na Mutela - um pedaço de frente ribeirinha, com uma pequena praia entalado entre a Base do Alfeite e os terrenos da Lisnave - um novo polo de desportos náuticos, transferindo para ali a sede do Clube Náutico, talvez seja “uma forma de demonstrar toda a potencialidade da Lisnave. Só que a Lisnave não é da Câmara (risos)”. A ideia, diz Inês de Medeiros, é “requalificar para devolver aquele espaço às pessoas e trazer vida, serviços e emprego para ali. Não gosto de garantir coisas de que não tenho a certeza, mas posso garantir que continuarei a lutar por isso”.

E Almada será, também por toda esta corrida de obstáculos, o concelho e a cidade do potencial por explorar? A autarca não tem dúvidas. “Isso é, absolutamente! Aliás, acho que qualquer autarca inveja ter uma cidade no coração da Área Metropolitana de Lisboa com tanta potencialidade.”

Deixamos a cidade e seguimos até à Trafaria por estradas secundárias e azinhagas. Num instante, deixamos a cidade densa e criada em altura para respirar prados e olhar rebanhos. “É fundamental”, afirma Inês de Medeiros, “preservar este caminho que nos trouxe até aqui. Por isso temos tanta Reserva Ecológica Nacional que deve ser preservada. Saímos de um meio profundamente urbano e, ao virar de uma esquina, estamos em plena ruralidade, com campos imensos e vistas até ao horizonte. Foi algo em que pensámos muito quando estávamos à procura da ‘assinatura’ Território de Muitos. Há muitas Almadas dentro de Almada. A sua força está justamente nessa diversidade”.

Chegámos à Trafaria já com o tempo contado para uma breve conversa sobre inovação. É ali, no antigo presídio, que vai nascer o Instituto de Arte e Tecnologia, uma parceria entre a CMA e a Universidade Nova. Os edifícios fora do presídio, entretanto já recuperados, estão a cargo do município. O problema aqui, diz Inês de Medeiros, é o “excesso de procura, o que às vezes até dificulta a seleção” dos projetos.

É um exemplo de um dos desafios destes dias, diz a autarca. “Já lá vai o tempo em que se arrasavam vilas e aldeias e se construía tudo de novo com betão. Esta ideia da requalificação, da reciclagem, da economia circular, da integração, isto é que é uma ideia verdadeiramente moderna”.

Já com outro ponto na agenda a pressionar, a Presidente da Câmara deixou uma ideia que, no essencial, tem uma ligação a todo o percurso que fizemos pela cidade e pelo concelho: “O futuro constrói-se com as pessoas, com as comunidades, nunca se consegue construir futuro contra as comunidades”.

Acontece

HABITAÇÃO

Novos lotes de habitação municipal já têm face visível



Estão aprovados os projetos para a construção de 95 fogos de habitação a custos controlados, apartamentos que vão servir para a primeira fase do realojamento definitivo dos moradores do 2.º Torrão e outros núcleos precários do concelho.. O lote A prevê a construção de 16 fogos na Quinta da Caneira, na Sobreda da Caparica, num investimento de 1,7 milhões de euros. No Monte da Caparica, mais precisamente na Quinta do Facho, vai nascer o lote B, com 52 novas habitações num investimento de 5,5 milhões de euros. Os 18 fogos do lote C vão nascer na Quinta do Pombal, no Monte da Caparica, com um custo estimado de pouco mais de 2 milhões de euros. O quarto lote (lote D, com 9 fogos) vai ser construído na Sobreda, na rua Fernando Bento e implica um investimento de perto de 1,4 milhões de euros. Ao todo, esta operação significa um investimento de 10,6 milhões de euros, na sua maioria financiados pelo Programa de Recuperação e Resiliência (PRR). Em declarações à revista Almada, o vereador com o pelouro da habitação, Filipe Pacheco, sublinha que “há décadas que não se construía habitação municipal em Almada, em parte por causa de um preconceito existente quanto às competências do >>



>> Estado Central e das Autarquias Locais. O que o PRR vem demonstrar é que é possível a União Europeia, o Estado, e as Câmaras Municipais trabalharem em conjunto para o desenvolvimento dos territórios”. Esta operação, na opinião do vereador Filipe Pacheco, é a prova de que as autarquias devem assumir um papel ativo na gestão e no desenvolvimento territoriais. “Não basta enviar ofícios ao governo, as autarquias locais têm responsabilidades no desenvolvimento social e económico dos seus territórios.” Recorrer a fundos da UE, como os do PRR, implica saúde e solidez financeira para cumprir a quota nacional do investimento. Filipe Pacheco afirma, a esse propósito, que a CMA tem de “pensar de forma estratégica o governo da cidade, aproveitar as oportunidades de financiamento que surgem e ter solidez financeira suficiente para as agarrar na totalidade. A construção destes 95 fogos e o desenvolvimento de outros projetos PRR demonstra que estamos a saber agarrar essa oportunidade”.

Com um prazo de execução estimado em 3 anos, estas habitações têm o potencial para mudar algumas vidas, sobretudo das famílias que tiveram de abandonar o bairro do 2º Torrão. O vereador Filipe Pacheco aproveita este momento para relembrar que, “no espaço de meses, a Câmara Municipal promoveu o realojamento de 63 famílias que terão, em muitos casos pela primeira vez, a oportunidade de viver em condições de conforto e dignidade”.



AMBIENTE

“Um concelho no pódio da reciclagem de óleos”

Almada é um dos 10 municípios que mais emissões de CO2 evita libertar para a atmosfera - no total 204 toneladas -, devido à transformação dos óleos alimentares usados em biocombustível. Esta informação é avançada pela Hardlevel, o principal operador português de recolha, gestão e reciclagem de óleos alimentares usados. Azeites, óleos de frituras ou de conservas não devem ser despejados na sanita ou lava-loiças. Um litro de óleo é suficiente para poluir cerca de um milhão de litros de água. O gesto correto é deixar arrefecer os óleos alimentares, colocá-los numa garrafa plástica (até 5 litros), fechá-la bem e depositá-la no oleão mais próximo. Com 1000 litros de óleos alimentares recolhidos é possível produzir cerca de 950 litros de biodiesel. Atualmente, a rede municipal dispõe de 61 oleões distribuídos por todas as freguesias do concelho.

AMBIENTE

Valorizar bioressíduos

Almada já faz a recolha seletiva de biorresíduos. A primeira fase arrancou na Aroeira, a 8 de maio, abrangendo uma área com cerca de 24 mil habitantes. O objetivo é alargar progressivamente este projeto a outras zonas do concelho, recolhendo

porta-a-porta estes materiais, que representam quase metade da quantidade de resíduos produzidos pelos almadenses. Produtos frescos como legumes, frutas, carne ou peixe, sobras de comida, saquetas de chá, guardanapos



de papel e aparas de jardim de pequenas dimensões, são considerados biorresíduos. O que antes era considerado lixo, pode agora ser transformado em energia ou composto, usado no enriquecimento orgânico dos solos e contribuir de forma decisiva para uma economia mais circular. Este projeto resulta da aprovação de uma candidatura ao programa PO SEUR, com um investimento global de 3,1 M euros e um financiamento de 1,46 M euros.

AMBIENTE

Vamos limpar Almada

A iniciativa Limpar Almada volta a desafiar a comunidade a participar numa ação de limpeza coletiva que, este ano, acontece a 16 de setembro, dia em que se celebra o World Cleanup Day. Esta é uma iniciativa que acontece >>

CULTURA

Festival de Música dos Capuchos – Um festival transversal



Filipe Pinto-Ribeiro, diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos, fala de uma edição “desafiante”. Entre maio e junho, convidou o público a usufruir de uma programação inspirada nas estações do ano, pautada pela qualidade de músicos e composições apresentadas. As *Quatro Estações de Vivaldi*, interpretadas pela Orquestra Barroca de Veneza “I Solisti Veneti”, foram o ponto de partida de um programa que atravessou quatro séculos de música, culminando n’*As Quatro Estações Americanas de Philip Glass*, uma estreia em Portugal, apresentadas pela Orquestra de Câmara de Budapeste “Franz Liszt”, no Teatro Municipal Joaquim Benite. O programa incluiu, ainda, os ciclos de estações de Tchaikovsky e de Piazzolla. As *masterclasses* com nomes maiores do ensino da música, destinadas a jovens músicos, e as conversas pré-concertos gratuitas foram novidade este ano, num festival que contou com as já conhecidas Conversas dos Capuchos, com curadoria e moderação de Carlos Vaz Marques.

>> em várias fases ao longo dos próximos meses. Até 30 de junho, foi possível participar através da identificação de locais a limpar no concelho como terrenos baldios, matas, parques de estacionamento e de merendas, através da aplicação "Almada Mais Perto". Entre 7 de julho a 8 de setembro, começam as inscrições nos locais selecionados, sendo que a ação de limpeza coletiva acontece em setembro como forma de sensibilizar e envolver os cidadãos para questões de limpeza dos espaços públicos e correta separação dos resíduos.

PROTOCOLOS

Câmara assume competências na ação social

Almada já recebeu do Governo a transferência de competências na área da ação social, «um momento de viragem» que, nas palavras da Presidente da CMA, Inês de Medeiros, vai permitir «dar mais respostas e de forma mais eficaz e próxima». A autarquia e quatro entidades do concelho assinaram em abril os protocolos que colaboração e passam a garantir o atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. O Serviço de Atendimento e de Acompanhamento Social (SAAS) é agora assegurado pela Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro, pelo Centro Social Paroquial do Cristo Rei, pelo Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Conceição

COMEMORAÇÕES

50 anos de Almada Cidade

Junho ficou marcado pelo início das celebrações de meio século de conquistas e progresso na cidade de Almada. Na manhã do dia 24, os Paços do Concelho testemunharam uma sessão solene inteiramente dedicada a louvar povo e a terra almadense. Nesta cerimónia foi homenageado e medalhado um conjunto alargado de personalidades, naturais de ou com uma forte ligação ao concelho, que se tenham destacado pela sua contribuição cultural, científica ou desportiva, pelo impacto que tiveram na comunidade, pela dedicação a Almada ou pela sua capacidade de projetar, nacional e internacionalmente, o nome do Município. Inês de Medeiros destacou o crescimento e desenvolvimento que Almada experimentou ao longo dos anos, "onde construímos juntos uma comunidade viva, solidária, diversa, inclusiva e vibrante". A presidente da CMA deixou ainda ideias para um futuro assente numa política de consciência ambiental e sustentabilidade "pois as alterações climáticas não são matéria de opinião".

LUIS FILIPE CATARINO



da Costa da Caparica e pela Santa Casa da Misericórdia de Almada.

GASTRONOMIA

Sabores de Almada à prova

Há 40 restaurantes candidatos aos prémios do Concurso Gastronómico Sabores de Almada que, até 9 de julho, promove a restauração do concelho. Entre entradas, pratos principais e sobremesas, há ementas para todos os gostos. Desde a cozinha tradicional portuguesa à cozinha internacional, passando pela cozinha de autor e vegetariana/vegan. O difícil é escolher. Este ano, fazem parte do júri críticos das plataformas digitais Lisbon Insiders e Culinary Backstreets.. Já o público volta a poder participar ativamente no concurso através do voto online no restaurante preferido.

HOMENAGEM

Dia Municipal do Bombeiro de Almada

Dezoito bombeiros das corporações de Almada, Cacilhas e Trafaria foram distinguidos pela CMA, no Dia Municipal do Bombeiro (4 de junho), com Medalhas e Insígnias Municipais de Bons, Distintos e Brilhantes Serviços Prestados à Causa Pública. Comemorações que, este ano, decorreram na Costa da Caparica. "Este é o dia onde juntos, enquanto comunidade, devemos agradecer a dedicação, entrega, abne-

LIVRO

Da Weasel – 30 anos de história escrita e exposta



Os 30 anos de história da banda almadense vivem agora nas 560 páginas do livro *Da Weasel – Uma Página da História*, da jornalista Ana Ventura. A biografia oficial foi lançada a 27 de abril último e, menos de um mês depois, o Almada Fórum recebeu a cerimónia de lançamento da segunda edição. Neste evento foi anunciada a exposição “Da Weasel – A História”, que pode ser visitada neste espaço até 16 de julho e é composta por peças que retratam parte importante da história e momentos marcantes na carreira da banda. Como pode ler-se no site oficial da banda: “desde a nossa génese, no quarto do Jay e do Pac, passando pela Tour 1996/97, a icónica garagem do Zé da Cadela, os festivais de 2001, o último álbum Amor, Escárnio e Maldizer, o maravilhoso concerto no Pavilhão Atlântico até à longa espera para o emocional reencontro com grande parte de vós no NOS Alive em 2022”.



gação de todos aqueles que escolhem servir a comunidade envergando as fardas de uma das nossas corporações”, afirmou a vice-presidente da CMA, Teodolinda Silveira, na ocasião. “Sabemos que as condições em que muitos de vós operam não são as ideais e, muito menos, são aquelas que a autarquia desejaria, mas não podemos

ignorar todo o caminho percorrido desde 2018, desde que assumimos os destinos do concelho”, afirmou a vice-presidente, recordando a criação das equipas de intervenção permanente, estruturas inexistentes até então, que garantem cobertura 24 sobre 24 horas e 365 dias por ano. “Este ano renovamos esse compromisso com um >>

>> novo contrato-programa, no valor de mais de 1,55 milhões de euros por ano e válido até 2025”, referiu, destacando ainda o recente investimento municipal feito em três novas viaturas para os bombeiros. O Dia Municipal do Bombeiro encerrou a 9.ª edição da Semana da Proteção Civil de Almada, que incluiu a realização de simulacros em escolas e jardins de infância do concelho, a exposição/demonstração dos meios de proteção civil, a apresentação do Programa Praia Protegida 2023, um dispositivo de prevenção e resposta a eventuais acidentes que envolvam banhistas nas praias do concelho, e a apresentação da Operação Floresta Segura, Floresta Verde 2023, que define a estratégia de defesa da floresta contra os incêndios rurais.

MOBILIDADE

Almada dá início a projeto-piloto de micromobilidade

Desde 4 de junho que há novos modos de deslocação sustentáveis ao dispor dos munícipes e visitantes. Esta data marca o arranque de um projeto-piloto de micromobilidade, um ponto de viragem na mobilidade no concelho. Cacilhas – Monte de Caparica e Trafaria – Costa da Caparica, Estrada Florestal são as áreas de operação deste projeto-piloto, que tem como operadores dos



MOBILIDADE

CicloExpresso já circula em Almada

A CMA lançou em maio o CicloExpresso, o primeiro comboio de bicicletas, de casa até à escola e de forma segura, acompanhado por maquinistas (monitores) adultos. O novo projeto de mobilidade escolar pretendeu incentivar a utilização da bicicleta como meio de deslocação saudável e amigo do ambiente, estimulando a autonomia e as capacidades motoras e sensoriais das crianças. Esta resposta de mobilidade ativa regular circulou às terças e quintas-feiras na Costa da Caparica (Escola Básica n.º2 da Costa da Caparica) e às quartas em Almada (Escola D. António da Costa e Escola Básica Cataventos da Paz). Para apoiar este projeto de mobilidade sustentável, a CMA instalou parqueamentos nas três escolas, para as crianças poderem guardar as bicicletas com maior segurança. O CicloExpresso é uma iniciativa da CMA em parceria com a Cooperativa BiciCultura, com o apoio do Fundo +PLUS – Programa de Investimento para o Impacto da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

sistemas de trotinetas e bicicletas partilhadas: Bird, Bolt, Lime e Whoosh. A redução das emissões de gases com efeito de estufa e a neutralidade carbónica - um objetivo para 2050 -, vão obrigar à adoção de novos padrões de mobilidade quotidiana, menos suportada no uso do automóvel individual e mais no



transporte público e nos modos suaves de deslocação, mais sustentáveis e ativos, como andar a pé, de trotineta ou de bicicleta. A redução do uso de veículos motorizados e o aumento dos modos ativos promove a prática diária de atividade física, beneficia a saúde, aumenta a qualidade do ar que respiramos e reduz a poluição sonora, em particular num concelho como Almada, onde a principal fonte de ruído e de poluição atmosférica é o tráfego motorizado. A assinatura dos Protocolos entre o Município e os operadores trotinetas e bicicletas elétricas partilhadas decorreu no Dia Mundial da Bicicleta, no Posto de Turismo da Costa da Caparica.



PARQUE URBANO DA
**COSTA DA
CAPARICA**

17 AGOSTO
QUINTA

**LÉO SANTANA · CAROLINA DESLANDES
PAULO GONZO · DILLAZ · POESIA ACÚSTICA
KUSSONDULOLA · DOMINGUES
BEATRIZ ROSÁRIO · TREYCE · ZANOVA
MARVVILA · FERNANDO CUNHA**
CONVIDA OLAVO BILAC, RUI PREGAL DA CUNHA,
RAUL COSTA, PEDRO IÓIA E MUITO MAIS
CHELSEA DINORATH · GRAND PULSAR · SIPPINPURPP · SERTANEIINHO

18 AGOSTO
SEXTA

**WET BED GANG · BISPO · T-REX · JOSÉ CID · VALETE
MC PEDRINHO · TABANKA DIAZ · YOLA SEMEDO · FERRO GAITA · LEO2745
X-TINTO · BENII PRICE · STEWART SUKUMA · LIZHA JAMES
RICH & MENDES · ÁFRICA NEGRA · CHÁ DE FUNK**

19 AGOSTO
SÁBADO

**MARIZA · NININHO VAZ MAIA
JOÃO PEDRO PAIS · DEEIAY TELIO · DANNI GATO
CHICO DA TINA · GAMA & GUGA · KAPPA IOTTA · BADOXA · JÜRA · ARY
VAN ZEE · DA CHICK · DUQUE PROVÍNCIA · GABY · 30 ANOS DE CARREIRA · IRINA BARROS
IOSSYLIN · ÉRIKA BOAVENTURA · MARGENZINHA**

20 AGOSTO
DOMINGO

**MATIAS DAMÁSIO · EXCESSO · PEDRO MAFAMA
IVANDRO · LON3R IOHNY & PLUTONIO**
APRESENTAÇÃO DO EP - ANTISÓCIAL
**REGULA · IZA · KURA · VITOR KLEY · RITA ROCHA · PÉROLA
ENA PÁ 2000 · SUPA SQUAD · RITA LARANIEIRA · TONTOS · IÉSSICA PINA · CLARAH HELEN
DAMÁSIO BROTHERS · CARNAFEST · TRIBUTU MARÍLIA MENDONÇA**
BY SERTANEIINHO PORTUGAL

**SABE MAIS EM
OSOLDACAPARICA.BOL.PT**

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO

PATROCINADORES



PARCERIAS MÍDIA



PARCERIOS

